

# PANORAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Cristina Maria Teixeira  
Stevens  
Universidade de Brasília

**RESUMO:** *O presente trabalho analisa os programas de pós-graduação em literaturas de língua inglesa desenvolvidos em universidades brasileiras. Traçamos os contornos, a expansão e novas tendências identificadas nesses programas. Buscamos também delinear o perfil de interesses, linhas de pesquisa e produção acadêmica da área. Desenvolvemos algumas reflexões sobre a contribuição da área para o processo educacional brasileiro.*

**Palavras-chave:** pós-graduação, literaturas de língua inglesa, mapeamento.

**ABSTRACT:** *The present work analyses the post-graduate programmes in literatures in English language developed in Brazilian universities, their general outline, expansion, new trends. We identify their research interests, scientific production. We also comment on the contribution of these programmes for the Brazilian educational process.*

**Keywords:** post-graduation, literatures in the english language, mapping.

“Exchange is oxygen”

(Aimée Cesaire, *Discourse on Colonialism*)

---

2 Neste trabalho, elas serão referidas como LLI

3 Iniciei minha prática profissional em 1971, como professora de Língua Inglesa no 2o. grau; em 1977, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para lecionar Língua Inglesa e literaturas correspondentes. Desde 1987 na Universidade de Brasília, sou professora/pesquisadora na área de LLI. Além das experiências acadêmicas, fui secretária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística – ANPOLL (biênio 92-94), vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Americanos – ABEA (biênio 94-96) e secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês – ABRAPUI 1989-2004)

4 Citaria aqui as principais que conheço, e de cujos eventos tenho participado com regularidade: ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada, ABRAPUI, ANPOLL, ABEA

O objetivo do presente trabalho é apresentar um quadro geral e desenvolver uma breve análise da pós-graduação em Literaturas de Língua Inglesa<sup>2</sup> em universidades brasileiras, a partir da criação do primeiro programa nesta área na Universidade de São Paulo, em 1970, seguido, no mesmo ano, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ao longo de mais de 30 anos de prática docente na área de inglês<sup>3</sup> – dos quais 25 situam-se na área de LLI, e a partir da minha atuação em pesquisa e pós-graduação na área, enriquecida através dos encontros regulares promovidos pelas associações acadêmicas em nosso país<sup>4</sup>, pude observar um saudável movimento de diversificação, tradições e descontinuidades que me motivaram a tentar registrá-los brevemente. Este trabalho não pretende ser conclusivo, nem examina todos os programas em LLI; por amostragem, busquei coletar indicadores para subsidiar discussões futuras relativas à contribuição da LLI nos cursos de Letras. Uma ampliação e estudo mais aprofundado dessa base de dados poderia ser objeto de trabalhos posteriores, visando analisar o papel da área de Letras/LLI no processo educacional brasileiro.

Iniciaria por contextualizar nossa área no mapa da pesquisa no Brasil, conforme dados obtidos no *site* da Coordenadoria de

Organização e Tratamento da Informação da Capes. São esses os números gerais da pós-graduação em nosso país:

- Cursos em funcionamento: 2.972
- Ciências da Saúde: 19,8%
- Ciências Humanas: 14,5%
- Engenharia e Ciência da Computação: 13,0%
- Ciências Sociais e Aplicadas: 11,4%
- Ciências Agrárias: 11,0%
- Ciências Biológicas: 9,7%
- Ciências Exatas e da Terra: 9,0%
- Multidisciplinar e Ensino de Ciências: 6,1%
- Lingüística, Letras e Artes: 5,6%

Como nas demais áreas de pesquisa e pós-graduação no país, a área de Letras, Lingüística e Artes também evidencia preocupante concentração geográfica e institucional, com áreas hipercobertas (especialmente na região Sudeste), enquanto outras estão completamente descobertas, como a região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, conforme constatado no relatório do Grupo de Trabalho da área de Ciências Humanas, Letras, Lingüística e Artes<sup>5</sup>.

Dentro deste contexto, a área de Letras<sup>6</sup> tem 62 dos 101 programas em LLA no país – um número para mim preocupantemente baixo, considerando a importância das literaturas na formação do cidadão. Por sua vez, os programas em LLI constituem apenas 0,7% do total da pós-graduação no Brasil.

Analisando os dados da ABRAPUI, verificamos que cerca de 80% dos seus aproximadamente 600 associados trabalham com o ensino de Língua Inglesa – reflexo natural da demanda do mercado, que se dá majoritariamente nesta área. Alguns desses professores lecionam língua e literatura, enquanto apenas cerca de 20% trabalham exclusivamente na área de LLI. Estes breves dados evidenciam que nós, docentes/pesquisadores em LLI, representamos uma força acadêmica e político-institucional bem pequena e com pouquíssima capacidade de atuar numa macro-dimensão que possa influenciar a implantação e desenvolvimento de políticas globais da pós-graduação no Brasil.

Ao nível de representação da área de LLI junto à Capes, no momento temos apenas um dos 22 membros que compõem o comitê assessor da área de Letras e Lingüística junto àquela Coordenadoria. Cabe lembrar que a Capes é, talvez, o órgão mais importante na definição de políticas de pós-graduação no Brasil e que define, entre outras coisas, o perfil de excelência a partir do qual os programas de pós-graduação são avaliados, financiados, reconhecidos. Espero que possamos ampliar esse percentual de representação e também otimizar o aproveitamento deste espaço vital.

Saindo um pouco desta explicação mais ampla e introdutória, gostaria de salientar um outro ponto, ligado aos veículos para publicação de nossa produção científica, identificada através da análise de dados do Qualis<sup>7</sup>: dos veículos

---

5 Conforme explicitado no INFOCAPES VOL. 9, Nos. 2/3: Pós-graduação: enfrentando novos desafios, p. 47, relatório da área de Letras, Lingüística e Artes, apresentado pelo Professor José Luiz Fiorin.

---

7 Conforme definido em documento da Capes, o “Qualis é o processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Tal processo foi concebido pela Capes para atender a necessidades específicas do sistema de avaliação e baseia-se nas informações fornecidas pelos programas pelo Coleta de Dados”

listados no Qualis, a nossa área tem apenas quatro periódicos específicos: *Ilha do desterro*, (UFSC), *Crop* e *ABEI Journal*<sup>8</sup> (USP) e *Open to Discussion* (UERJ).

Além dos periódicos acima citados, nossa produção acadêmica tem sido veiculada em outros espaços. Uma breve análise de alguns periódicos da área de Letras listados no Qualis evidencia crescente participação de pesquisadores de nossa área nesses veículos, dos quais citaria: *Aletria* (UFMG), *Cadernos de Letras* (UFRJ), *Cerrados* (UnB), *Contexturas* (APLIESP), *Estudos Feministas* (UFSC), *Gragoatá* (UFF), *Itinerários* (UNESP-Araraquara), *Intercâmbio* (PUC/SP), *Língua e Literatura* (USP), *Revista da ANPOLL*, *Revista Letras* (UFPR), *Revista de Letras* (UNESP).

A penetração do nosso trabalho também pode ser verificada a partir de um rápido exame dos dados obtidos no Qualis, relativos aos anais de eventos da área de Letras. Das entradas registradas no sistema, podemos verificar nossa participação em vários eventos relevantes, dos quais ressaltaria, além de inúmeros encontros locais e regionais (como, por exemplo, os colóquios e as “semanas de Letras”, realizadas regularmente em várias universidades), outros congressos regulares: BRASA (Brazilian Studies Association), CIATI (Congresso Ibero-Americano de Tradutores e Intérpretes), Congresso Internacional da ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses), Encontro Internacional de Estudos Medievais, Encontro Internacional A Representação da Imagem Feminina, Encontro Internacional de Tradutores, Congresso Internacional Fazendo Gênero, Encontro Internacional Todas as Letras: Língua e Literatura, EPLE – Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras, PALA

International Conference, American Studies Association Annual Conference, International American Studies Association, Seminário Nacional Mulher e Literatura, SOCINE – Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema, além dos já conhecidos Congressos Internacionais da ABRALIC, os SENAPULLIs – Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas em Língua Inglesa, ENPULIs – Encontro Nacional de Professores Universitários de Inglês, os Encontros da ANPOLL, da SBPC e as Jornadas da ABEA.

Com relação aos programas de pós-graduação em LLI, os programas da USP (Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês – M e D) e da UFSC (Letras-Inglês e Literatura Correspondente – M e D) têm uma definição bem nítida do objeto de estudo. Além desses, a LLI está inserida em outros programas de denominação mais geral. São eles: Letras-Estudos Literários (UFMG), Letras (UFPB), Letras-Estudos Literários (UFPR), Letras (UERJ), Letras (UFF), Ciências da Literatura (UFRJ), Letras (UFRGS), Estudos Literários (UNESP-Araraquara), Letras (UNESP-S.J.Rio Preto).

Partindo para uma outra direção neste trabalho – de natureza mais ideológica, gostaria inicialmente de observar que, durante o XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas em Língua Inglesa (SENAPULLI), organizado pela ABRAPUI em 1990, os Professores Dilvo Ristoff, Susana Funck e Sérgio Bellei, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentaram trabalhos que, acredito eu, pela primeira vez em nossos SENAPULLIs, estavam relacionados não com questões puramente acadêmicas, mas com reflexões envolvendo a política do ensino das literaturas inglesa e norteamericana em universidades brasileiras.

8 ABEI - Associação Brasileira de Estudos Irlandeses

Os trabalhos me pareceram extremamente importantes, pois exploravam aspectos conflitantes que enfrentamos na nossa prática diária de ensino, pesquisa e extensão em LLI, mas aos quais não temos dedicado a necessária atenção; eles falavam das dúvidas, ansiedades e hesitações que experienciamos por causa das difíceis opções que temos que fazer quando trabalhamos questões curriculares dos cursos onde a área de LLI se insere, quando criamos disciplinas e ementas para estes programas, ou até quando montamos os planos de aula para os cursos em que lecionamos regularmente, na graduação e pós-graduação. Exploravam também nossos sentimentos de culpa e desconforto que, às vezes, sentimos por trabalhar com LLI numa atmosfera de crescente e necessária reação aos evidentes imperialismos culturais e econômicos do mundo contemporâneo. Finalmente, eles nos apontavam estratégias criativas para trabalhar estas questões: estas estratégias precisariam ser expandidas e aperfeiçoadas a fim de que pudéssemos adotar um comportamento que o Professor Bellei muito bem caracterizou como “antropofagia cultural”, utilizando o já conhecido termo do poeta e crítico brasileiro Augusto de Campos, o qual, por sua vez, se espelhou no movimento pela nacionalização da nossa arte e cultura, o sentimento de “tupi or not tupi” que caracterizou o movimento modernista no Brasil dos anos 20 do século passado.

O Professor Bellei retoma esta noção de “canibalismo” cultural, segundo a qual devemos procurar absorver conhecimentos de outros países sem perder a nossa hegemonia cultural. Para isto, precisamos adotar uma postura onde a informação nova é digerida e transformada em fonte de energia para a produção de conhecimentos originais e

válidos para a nossa cultura. Isto implica a absorção de textos não sob a forma de compreensão passiva, mas de ativa, consciente e independente apropriação para a construção de novos significados que respondam às nossas necessidades. Em um de seus livros, **Nacionalidade e Literatura** (1992), o Professor Bellei mantém esta preocupação, a qual tem marcado o seu trabalho intelectual nos últimos anos. Discordando do pensamento de alguns colegas de nossa área, acredito que até hoje este problema não está ultrapassado; concordo integralmente com a posição do Professor Bellei, quando ele enfatiza a necessidade de trabalharmos no sentido de construir uma história brasileira da literatura norte-americana (e outras literaturas produzidas em língua inglesa, acrescento eu), organizada sob a perspectiva do nosso contexto, dos nossos interesses e necessidades.

Precisamos expandir também o ensino e a pesquisa na área de estudos pós-coloniais, para que a LLI não seja sinônimo de literatura inglesa e norte-americana apenas.<sup>9</sup> Nós, professores que trabalhamos com uma literatura/cultura estrangeira, somos, não raramente, classificados como culturalmente deslocados e elitistas. Ao mesmo tempo, corremos o risco de adotarmos uma postura de reverência em nosso processo de conhecimento e divulgação da cultura de países dominantes, diante dos quais temos reações ambivalentes de admiração e cobrança ou ressentimento. Lembro, agora, as palavras do Gerald Graff, que caracterizou em seu livro **Professing literature; an institutional history**

---

9 Gostaria de expressar meu desconforto com a terminologia norte-americana, substituída neste trabalho pelo termo estadunidense

(1987), que o ensino de literatura estadunidense funcionou como uma espécie de “educational Monroe Doctrine”(GRAFF: 1987, 130).

Por outro lado, acredito firmemente que nosso país, adormecido por séculos de subserviência aos dispositivos europeus e estadunidenses que nos foram impostos, encontra-se em dinâmico processo de busca dos seus próprios instrumentos de pensar, em busca de sua substância brasileira. Não estamos, sob nenhuma hipótese, defendendo uma rejeição xenófoba à contribuição estrangeira. Desnecessário parece-me justificar aqui a importância do conhecimento de outras culturas para o enriquecimento da nossa própria, sobretudo no atual estágio de internacionalização do mundo moderno. Minha preocupação é verificar como é que nós, enquanto pesquisadores brasileiros, estamos incorporando o produto estrangeiro em nossa cultura, se estamos integrando-o de forma útil e positiva à nossa experiência, ou se o estamos transformando em nosso “superego”, absorvendo, de maneira muitas vezes incondicional e subserviente, processos e valores culturais alheios às nossas aspirações e contexto específicos. Esta atitude questionadora, felizmente assumida na prática docente e de pesquisa de tantos colegas, precisa ser constantemente lembrada e renovada, penso eu.

O interminável conflito entre posições de subordinação e contestação, contenção e subversão, os quais são dialéticos e relativos; os fenômenos de aculturação e de sincretismo; as negociações éticas e epistêmicas envolvidas na complexa ‘genealogia do poder’; a posicionalidade heterogênea dos produtores, mediadores e consumidores de culturas; a recuperação de conceitos como o perspectivismo nitzscheano à

luz do comportamento proteiforme do pós-estruturalismo; esses riquíssimos conceitos, trabalhados por Raymond Williams, Gramsci, Althusser, Homi Bhabha, Franz Fanon, Aimé Cesaire e tantos outros brilhantes teóricos da sociedade contemporânea não podem ser encapsulados no espaço limitado deste trabalho. Gostaria apenas de enfatizar que esta preocupação com os elementos históricos, sociais e políticos que marcam os estudos literários mais recentes constitui o elemento articulador e a perspectiva básica de várias dissertações, teses e demais tipos de produção acadêmica mais recentes em nossa área, o que aponta caminhos promissores de redefinição da importância e objetivos da área de LLI no Brasil.<sup>10</sup>

O ensino e a produção de literatura no Brasil tem sido profundamente influenciado por essas intensas e extensas formulações teóricas que estão acontecendo no campo da literatura a partir dos anos 70, quando observamos uma radical problematização, questionamento e revisão de valores, conceitos e hierarquias que desestabilizaram conceitos ortodoxos de valor que nos iluminavam. Nesta “troca da guarda” na academia, uma conseqüência positiva foi a eliminação dos antigos “deuses” teóricos e seus seguidores incondicionais. A perspectiva pós-estruturalista e o conseqüente conforto/insegurança do relativismo cultural; o esforço revisionista das críticas feminista e pós-colonial; a atmosfera multifacetada do multiculturalismo; esses são conceitos complexos e desafiadores da nossa condição pós-moderna. A

---

10 Os elementos utilizados na presente análise foram retirados dos seguintes sites: [www.lettas.ufmg.br/poslit](http://www.lettas.ufmg.br/poslit), [www.humanas.ufpr.br/posletras](http://www.humanas.ufpr.br/posletras), [www.ufsc.br/pgi](http://www.ufsc.br/pgi), [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br), além dos sites das seguintes universidades: UFPB, UFRJ, UERJ

partir daí, a estética emerge com construção social, não ideal universal, mas de heranças culturais, sociais, posicionalidades e contingências.

Sem querer sugerir para nós o papel de destruidores edipianos de nossas origens teóricas, gostaria de observar que esta verdadeira ‘revolução’ teórica está construindo linguagens e conceitos com os quais nós, pesquisadores brasileiros, conseguimos nos identificar mais confortavelmente. Entretanto, insisto, não podemos esquecer que continuamos a importar essas teorias, concebidas na Europa e manufaturadas nos Estados Unidos, que exportam seu excedente para consumo para outros países. Por outro lado, não podemos ignorar que cada vez mais se fortalece a consciência – bem como uma nova práxis acadêmica – da importância de trabalharmos dialeticamente essas atitudes conflitantes extremas, quais sejam, comportamentos marcados por um nacionalismo exacerbado que busque uma extrema e empobrecedora negação de influências estrangeiras por um lado, e por outro lado, atitudes colonialistas de aceitação passiva de modelos externos. Acredito, todavia, ser necessário aguçarmos constantemente nosso espírito crítico para evitar atitudes acadêmicas de simplesmente copiar teorias importadas, o que durante muito tempo caracterizou o meio universitário brasileiro.

Tomando mais um empréstimo confortável de um teórico estrangeiro, lembraria aqui as palavras de um dos grandes teóricos do pós-colonialismo, Edward Said, que escreveu em seu **Culture and imperialism**:

The history of such fields as comparative literature, English Studies, cultural analysis, anthropology, can be seen as affiliated with empire

and, in a manner of speaking, even contributing to its methods for maintaining Western ascendancy over non-Western natives.

Mas ele também acrescenta: “Our interpretative change of perspective allows us to challenge the sovereign and unchallenged authority of the allegedly detached Western observer”<sup>11</sup>

Apesar do horizonte aparentemente glamuroso das novas teorias brevemente citadas neste trabalho, gostaria de lembrar as palavras do Professor Sergio Bellei, que, em seu artigo “Brazilian culture in the frontier”, elabora o conceito aparentemente tão libertador de mediação. Com a mediação, temos a sensação de que fomos promovidos subitamente, ou seja, não somos mais imitadores, mas *mediadores*. Desta forma, não precisamos nos sentir culpados por estarmos continuamente e crescentemente importando teorias da Europa e Estados Unidos. Bellei conclui seu argumento (o qual não é tão simples como estou tentando resumir aqui) alertando-nos que “mediation may be very comforting but unfortunately unable to change existing social and economic conditions.... Emphasizing mediation rather than open resistance tend to preclude rather than promote change”<sup>12</sup>.

---

11 A história de áreas como Literatura Comparada, Estudos Britânicos, Estudos Culturais e Antropologia podem ser vistas como associadas ao império e, de certa forma, até contribuindo com seus métodos para manter a ascendência dos povos ocidentais sobre os não-ocidentais. Nossa mudança de perspectiva interpretativa nos permite desafiar a soberania e autoridade não desafiada do supostamente distanciado observador ocidental (SAID: 1994, 59 - minha tradução)

12 A mediação pode ser muito confortável, mas infelizmente incapaz de mudar as atuais condições sociais e econômicas. ... Enfatizar a mediação ao invés de resistência aberta tende a escamotear, e não a promover, mudanças. (BELLEI, 1995:45 e 68 - minha tradução).

Criada em 1970, a ABRAPUI é nosso principal fórum para discussões acadêmicas. Poderíamos, então, aproveitar melhor esse fórum privilegiado e torná-lo também um espaço para maior discussão e formulação de políticas de ensino e pesquisa para a nossa área; preocupa-me, entretanto, o fato de termos avançado muito pouco na discussão de políticas globais para a área que contemplem alguns dos questionamentos aqui explicitados. Nossos seminários anuais tratam basicamente de assuntos acadêmicos e quase nunca exploram a necessidade de se refletir sobre a política de ensino de inglês no Brasil. Cabe a nós dar mais visibilidade a esta dimensão político-ideológica da nossa prática profissional

Ao lado desta preocupação de natureza mais ideológica, este trabalho também aponta uma outra dimensão que me parece relevante: a enorme separação entre as disciplinas de Língua Inglesa e de LLI em nossos cursos de Letras – graduação e pós-graduação. Entretanto, salientamos aqui a área de concentração em LLI do mestrado em Letras da UERJ, iniciada em 2001, com uma linha de pesquisa chamada “Análise do discurso em língua inglesa”. Exemplo de produção nesta área é o projeto de pesquisa “Avaliação e interdiscurso em narrativas de identidade”. Além do trabalho da UERJ, o programa interdisciplinar em Lingüística Aplicada da UFRJ tem uma rigorosa área de concentração, “O discurso literário de língua inglesa”, com boa produção acadêmica na área de ensino de Literatura e na abordagem conjunta de questões ligadas à Língua e à Literatura. O programa da UFSC também tem apresentado algumas dissertações/teses que trabalham na convergência dessas duas áreas, como podemos ver no quadro a ser apresentado posteriormente neste trabalho.

Com exceção desses programas, verificamos a quase completa ausência de projetos de pesquisa, publicações e cursos que busquem a integração destas duas áreas que me parecem tão interdependentes. Uma análise preliminar de alguns dos veículos de publicação dos nossos trabalhos acadêmicos no Brasil (já mencionados neste trabalho) evidencia esta preocupante desvinculação.

Os encontros anuais da ABRAPUI mantêm espaços distintos entre as duas áreas, as quais, a partir de 1979, passaram a organizar seus encontros acadêmicos separadamente. Apesar do interesse em viabilizar um encontro conjunto, esta iniciativa sempre enfrentou resistências em ambas as áreas, bem como dificuldades de ordem estrutural que adiaram a realização de um evento único envolvendo professores de Língua Inglesa e de LLI. Felizmente, esta experiência foi realizada em 2003, com a realização do XXXII SENAPULLI - LLI: visões e revisões e o XVII ENPULI - A interculturalidade no ensino do inglês. A própria escolha da temática dos encontros e os vários momentos de trabalhos conjuntos evidenciam o vigor das inovações teóricas e práticas (as quais vejo como mutuamente alimentadas) desta área no Brasil. Em razão da reação positiva deste encontro, o XXXIII SENAPULLI (Literature and other Arts) e XVIII ENPULI (Language and Media), agendados para junho de 2005 na Universidade Estadual do Ceará, demonstram a saudável busca pela expansão da pesquisa colaborativa em Língua Inglesa e literaturas correspondentes, o que será útil e enriquecedor para os dois segmentos.

Em seguida, apresento um quadro demonstrativo das dissertações e teses defendidas

até 2003 nos programas em LLI da USP e UFSC<sup>13</sup>, os mais antigos em nossa área.<sup>14</sup>

### Universidade de São Paulo

	Cânone	Estudos culturais/ interdisciplinares/gênero	Tradução Literária	Ensino de Literatura	Literatura Irlandesa
1970	3M				
1971					
1972	2D	1M			
1973					
1974	1M				
1975					
1976					1D
1977		1M(gender)			
1978	1D				
1979	3M	3M			
1980	3M				
1981	1M				
1982	1M				
1983					
1984	1D	2M			
1985	1M				
1986		1M(gender)/1D(gender)			
1987	1M/2D	1M	1D		1D
1988	2D				
1989	1D	1D	1D		1M
1990			1D		1M/1D
1991					
1992					
1993		1M			1D
1994			1M		
1995	1M				1M/1D
1996	3M	2M	1M		2M/1D
1997	3M	1M/2D	4M		
1998	3M/1D	4M	5M		2D
1999	1M	1M/1D	1M	1M	1D
2000		5M/1D	2D	2M	
2001	1M	1M	1M	1D	
2002	1M	5M(1 gender)/1D	3M/1D	2D	1M/1D
2003		7M(3 gender)/4D	1M/3D		2D
2004		2M/1D	1M		

13 Foram excluídas destes quadros as teses e dissertações defendidas nesses programas, mas que estão ligadas à área específica de Língua Inglesa e Linguística Aplicada. Também não estão incluídas no quadro da USP as teses e dissertações defendidas entre 1950 e 1969, antes de o programa ter o seu funcionamento autorizado pela Capes.

14 Pesquisa no site [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br) e catálogo de teses e dissertações da UFSC, a mim enviado pela coordenação do programa.

## Universidade Federal de Santa Catarina

	Cânone	Estudos pós-coloniais/ não-canônicos	Estudos de gênero 1M	Estudos Culturais/ interdisciplinares	Lingua/Literatura
1973					
1974					
1975	2M	1M			
1976	2M		1M		
1977					
1978	5M		2M		
1979	4M				
1980	7M	1M	1M		
1981	6M				
1982	3M				
1983	2M	2M			
1984	1M				
1985	3M				
1986	1M				1M
1987		1M			1M
1988	1M		3M		
1989	1M		1M		
1990			1M		
1991	3M		6M		
1992	2M		4M		
1993	1M		1M		1M
1994	1M	1M	3M		
1995	1M	1M	2M/1D	2M	
1996	2M	1M		1M	
1997				1M	1M(tradução)
1998	1M/1D		1M	1M	
1999	3M	1M	1D	2M	2M(1=tradução)
2000	2M/2D		4M/1D		
2001	3M		2M/1D	4M/4D	
2002	1M/1D	1M		4M/1D	
2003	4M/2D			2M/1D	

Embora consciente das limitações de uma classificação inevitavelmente limitadora das teses nos itens acima definidos, precisei organizar os dados para possibilitar uma rápida leitura; gostaria, entretanto, de chamar atenção para alguns detalhes dessa classificação:

1. Quando defini o item *gênero*, coloquei aqui não apenas teses/dissertações com uma clara preocupação da problemática de gênero como categoria analítica – como, por exemplo, “Why can’t women talk like a man”? An investigation of gender in Pygmalion, by Bernard Shaw (UFSC-

2001/M) e “Race, gender and culture. The reconstruction of ‘America’ by native women” (UFSC-2001/D). Também incluímos nesta categoria aqueles trabalhos que escolheram escritoras como seu objeto de análise. Exemplos dessa inclusão: “A study of the literary sources in Katherine Anne Porter’s stories” (USP-1985/M) e “The uniqueness of Mary Shelley’s Frankenstein in the gothic literary tradition” (UFSC-1993/M).

2. A definição de um autor ‘canônico’ foi feita a partir da identificação do mesmo em antologias, mesmo que esses escritores sejam identificados como anti-establishment; exemplo disto é a dissertação “Variations of the beat influence, in the different phases of Jack Kerouac’s work” (USP-1987).

3. A classificação ‘não canônica’ engloba também estudos sob a perspectiva de raça, classe, estudos pós-coloniais e Estudos Culturais, como por exemplo “A poesia de Bob Dylan na fronteira da canção popular e da poesia acadêmica” (USP-1997/M).

4. Com relação ao quadro demonstrativo da UFSC, identificamos uma tendência forte para os Estudos Culturais e, sobretudo, interdisciplinares, razão pela qual criamos uma coluna que engloba essa tendência, com trabalhos em Literatura e Cinema, Tradução Literária, Literatura/Língua Inglesa/Linguística Aplicada à análise do texto literário.

A partir da análise destes dados, gostaria de fazer algumas observações sobre o que identifiquei como tendências dos nossos programas

de pós-graduação. Acredito ser importante registrar essas tendências, pois imagino que deveríamos avançar neste sentido, desenvolvendo coleta de dados em um maior número de instrumentos (tais como disciplinas ministradas, linhas de pesquisa, entre outros) e com um maior número de programas, para acompanhar esse desenvolvimento e diversificação bastante positivos em nossa área.

a) Interesse por projetos interdisciplinares. Evidência disto: não só a crescente participação dos nossos docentes nos encontros da ABRALIC, ABEA (a qual já teve cinco dos oito diretores de nossa área: Ana Lucia Gazolla - UFMG, Nancy Naro - UFF, Rita Terezinha Schmidt - UFRGS, Neuza Matte - UFRGS, Sonia Torres - UFF (esta última também já vice-presidente da IASA - International American Studies Association). Uma breve descrição da ABEA, retirada de sua *homepage*, nos dá uma idéia exata do perfil interdisciplinar dessa associação:

Fundada em 1984, a ABEA já contou, em seus quadros, com mais de duzentos associados, oriundos das mais diversas instituições de ensino e pesquisa do país e do exterior, tendo realizado, ao longo deste período, onze Jornadas de Estudos Americanos. Com esses encontros, a Associação foi consolidando um perfil que, sem descaracterizar as suas origens, sintetiza as duas principais direções que hoje norteiam os Estudos Americanos no Brasil: de um lado, o foco nas fronteiras do nacional, através de estudos centrados nos Estados Unidos da América, abrangendo as várias áreas das Ciências Humanas e amparado na valorização das

especificidades do saber e da cultura desenvolvidos naquele país; de outro, o foco no transnacional através de estudos comparados Brasil-Estados Unidos, que privilegiam as analogias e as idéias de convergências, bem como a propagação das mesmas, na compreensão das relações de diferença presentes nos fenômenos interculturais.

b) Aliado ao item anterior, percebemos o interesse também crescente pelos Estudos Culturais, sobretudo na interface da Literatura com questões de raça, classe, gênero e outras articulações de natureza ideológica. Como bem coloca a Professora Maria Elisa Cevasco, apesar das dificuldades teóricas e práticas provocadas por essa ampliação do escopo do nosso trabalho, ainda assim poderemos fazê-lo:

Who in a literature department is going to teach those exciting new courses? Most of us are not trained in film theory, media studies or in any other related discipline. Ours was a literary training, and if we want to deal with other media, there is a lot of research to do. In this sense, cultural studies is definitely not our field. But having said that, I want to add that this need not refrain us from embarking on this interdisciplinary venture. Literary works, films, advertisements, TV soaps and even TV news, all share one common characteristic: they can all be considered ways of constructing experience, or organizing the meanings and values through which a society tries to make sense of itself in history... . Our literary training has certainly given us a considerable amount of cultural literacy – that is, the ability to interpret signs in different media, and we should

make use of this when venturing away from our traditional field.<sup>15</sup>

O sucesso dessas iniciativas pode ser ilustrado, entre tantos outros exemplos, pela dissertação defendida na USP, em 1999, sobre “Ciranda de ficção no século XIX: Blackwood’s Edinburgh Magazine no Brasil”.

c) Com relação aos estudos de gênero e sua articulação com a Literatura, gostaria de mencionar, apenas para ilustrar o interesse na área, que a nossa participação no XXX Seminário Nacional Mulher e Literatura foi transformada em um dos três volumes publicados em forma de livro.<sup>16</sup> Registramos também a escolha da Professora Peonia Guedes na coordenação do GT Mulher e Literatura da ANPOLL (biênio 2002/2004), para o qual vem ingressando um bom número de pesquisadores que trabalham em LLI.

---

15 Quem vai ensinar esses novos e excitantes cursos em um departamento de Literatura? A maioria de nós não tem treinamento em teoria do cinema, estudos de mídia ou disciplinas relacionadas. Nosso conhecimento é literário e, se quisermos trabalhar com outras áreas, precisaremos desenvolver muita pesquisa. Neste sentido, Estudos Culturais definitivamente não são nosso campo. Tendo dito isto, entretanto, gostaria de acrescentar que isto não deve nos impedir de embarcar nessas iniciativas interdisciplinares. Trabalhos literários, cinema, propaganda, novelas e, até mesmo, programas de notícias pela TV, tudo isto compartilha uma característica: todos eles são formas de construir experiência e organizar os significados e valores com os quais a sociedade tenta encontrar seu papel na História... Nosso treinamento literário com certeza nos deu um conhecimento cultural considerável – ou seja, a habilidade de interpretar signos de origens diversas, e deveríamos utilizar esse conhecimento para abandonar um pouco nosso campo literário tradicional (CEVASCO: 1998, 338/40 – minha tradução).

16 Gênero e representação em literaturas de língua inglesa. Organização: Ana Lucia Gazolla, Constância Duarte, Sandra G. de Almeida. FALE/UFMG, 2002.

d) Enriquecimento do conceito de LLI com a incorporação de outras literaturas de língua inglesa – principalmente as literaturas irlandesa e canadense; registramos aqui o incansável e entusiasmado trabalho da Professora Munira Mutran, que atua com literatura anglo-irlandesa em todos os níveis de ensino e em vários espaços nacionais e internacionais de pesquisa e produção científica, dos quais salientamos a recente realização do Congresso Internacional IASIL - International association for the study of irish literatures (USP, julho/2002).

Ainda dentro dessa tendência, observamos o desenvolvimento dos estudos de literatura pós-colonial – esta última, infelizmente, muito mais no campo da pesquisa e produção científica do que na prática docente. Entretanto, a partir de uma rápida análise em algumas publicações e anais de eventos nacionais, observamos o promissor interesse para esses estudos pós-coloniais em nosso país. O curso de Letras/Inglês da UnB, atualmente em processo de reforma curricular, acaba de introduzir uma disciplina – Literaturas em língua inglesa –, com o objetivo de abrir espaço para essas ricas literaturas de outros países. Acredito que outras universidades no país também estão incluindo este tipo de disciplina em seus novos currículos.

e) Pudemos observar também um crescente questionamento com relação ao estudo dos autores considerados canônicos; entretanto, como não pude observar os cursos ministrados na pós-graduação, mas apenas a pesquisa e produção científica, não posso afirmar que esta atitude estende-se também à prática docente. Ilustraria esta relevante tendência citando o livro do Professor Thomas Bonnici, **O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura** (2000), no qual o referido professor não apenas sugere respostas pós-coloniais para nossas

releituras de obras canônicas, mas o estudo dessas obras a partir de uma perspectiva de estudos comparados com a nossa literatura.

f) Com relação à área de ensino de Literatura, a qual considero extremamente relevante para nossa prática profissional, fico feliz em observar sua expansão, tão bem resumida pela Professora Vera Helena Gomes Wielewicky em sua tese de doutorado “Literatura e sala de aula: sínopes e contratempos”:

Esta pesquisa é inserida no contexto de trabalhos sobre as LLI e seu ensino no Brasil. Apesar de as pesquisas sobre esse tema ainda serem poucas, pode-se perceber um crescente interesse sobre o assunto. Professores de LLI, ao que parece, estão começando a perceber que não apenas os conhecimentos específicos a serem “transmitidos” na sala de aula, envolvendo análises literárias, são importantes. Professores de Literatura podem também se interessar pela sua sala de aula como prática pedagógica. Essa preocupação incipiente, mais comum na pesquisa da sala de aula de Língua Inglesa, faz-se sentir através de iniciativas como a realização de um encontro específico para a discussão do assunto, como o I ENELLI – Encontro Nacional sobre Ensino de Literaturas em Língua Inglesa, na Universidade de Brasília, em 2000, coordenado pela Professora Cristina Stevens. O número 37 da revista *Ilha do Desterro*, publicada pela Universidade Federal de Santa Catarina, também se dedica ao assunto, com o tema “The challenge of literature and foreign language teaching and learning”, editado pela Professora Izabel Brandão, da Universidade Federal de Alagoas.

Alguns pesquisadores brasileiros têm se dedicado de forma mais específica ao estudo da aula de LLI. Sonia Zyngier, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defende a estilística

como meio de sensibilizar (*sensitize*) os alunos de LLI para o fenômeno literário. ... Os trabalhos de [Laura] Izarra [USP]...chamam a atenção para o contexto sociocultural e político do ensino de literaturas e para as relações de poder que ocorrem na interação que se dá na sala de aula. ... [Lynn Mario de] Souza [USP] e [Clarissa Menezes] Jordão [UFPR]... desenvolvem estudos etnográficos na sala de aula de LLI e também consideram as relações de poder que ocorrem nesse contexto em conexão com situações culturais, políticas e ideológicas. (WIELEWICKI: 2002, 31-32)

Acrescentaria, ainda, o trabalho da Professora Josalba R. Vieira, cuja tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação da Unicamp e orientada pela Professora Matilde Scaramucci, trabalha na interface Literatura e ensino de Língua Inglesa – “A leitura de poesia e a discussão em grupo na sala de aula de inglês como literatura estrangeira” (1999).

Após essa apresentação e breve análise de alguns dados da pós-graduação em LLI, e consciente da natureza incompleta deste trabalho, o qual, acredito, tem natureza problematizadora e apenas iniciadora do que acredito precisa ser aprofundado, gostaria de encerrá-lo com o espírito com o qual ele foi desenvolvido, ou seja, utilizando basicamente o conhecimento produzido pelos nossos pesquisadores. Portanto, fecharia meu texto sinalizando dois pontos que acredito merecem nossa atenção. O primeiro ponto diz respeito a questões de fundo que precisam ser pensadas para um gradual redimensionamento dos nossos programas – o que já está acontecendo, basta olhar o perfil brevemente delineado neste trabalho. Este ponto está bem expresso nas palavras do Presidente da Capes:

A pós-graduação nacional não pode mais

se contentar com a tarefa de formar recursos humanos para o meio universitário e para a pesquisa acadêmica ou não acadêmica, apesar desta continuar sendo uma tarefa prioritária e fundamental. Um dos desafios cruciais que deve ser enfrentado pela pós-graduação nacional – além de formar quadros para o meio acadêmico e para a pesquisa – diz respeito à sua capacidade de prover o país nos seus mais variados meios profissionais de recursos humanos altamente qualificados<sup>17</sup>.

A outra questão tem natureza mais acadêmica e diz respeito à nossa prática profissional, bem definida pela Professora Clarissa M. Jordão no seu conceito de Literatura como atitude ‘epistemofágica’ transformadora:

O termo *epistemofagia*, cunhado na combinação entre *epistemologia* e *antropofagia*, alude à digestão de significados diferentes e de suas maneiras de existir, numa mistura entre o que foi devorado e aquela que devorou, resultando num hibridismo que permite a formação de perspectivas novas de caráter múltiplo e a criação de processos diferentes de compreensão. Esses processos, considerados sempre em desconstrução, reflexivamente sujeitos e assujeitados à própria problematização, percebidos em suas relações de poder e legitimidade, levariam a um reconhecimento das estruturas de construção de sentidos que nos informam, ou seja, do nosso *habitus* cultural, e trariam a possibilidade de transformação dessas estruturas: uma vez reconhecidas como arbitrárias, embora não gratuitas, estaria aberta a possibilidade de construção de outros sentidos, num processo em que a transformação constante seria possível. (JORDÃO: 2001, 151)

17 INFOCAPES, Vol. 9 - nos. 2/3, abr./set. 2001. p. 06.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANPOLL. "A pós-graduação em Letras e Linguística no Brasil: memórias e projeções". XXVII Encontro Nacional da ANPOLL, UFRGS, Gramado, 2002. Boletim Informativo nº 31.

BELLEI, S. "Teaching American literature in Brazil. Reading as cannibalism." Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa. ABRAPUI, Poços de Caldas/MG, 1990, pp.240-46.

——. **Nacionalidade e literatura. Os caminhos da alteridade.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1992.

——. "The culture of mediation". Anais do XXIV Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa. ABRAPUI, João Pessoa, 1993. pp. 09-18.

—— "Teaching American literature in Brazil: from meaning to significance", in *Letras*, Campinas: PUC/Campinas, 1995. v. 4, nº 2, pp.74-85.

—— "Brazilian culture in the frontier" in *Bulletin of Latin American Research*, vol. 14, nº 1, 1995, pp. 47-68.

BONNICCI, T. **O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura.** Maringá: Editora da UEM, 2000.

BRANDÃO, I.F.O. (org.). "The challenge of literature and foreign language teaching and learning". Ilha do Desterro, nº 37 (jul-dez/99), Florianópolis: EDUFSC.

CEVASCO, M.E. "It is not my field: problems in the teaching of cultural studies". Anais do XXX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa. ABRAPUI, Atibaia/SEMPRE: 1998, pp. 338/45.

FUNCK, S. "Deciding what to teach". Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa.

ABRAPUI, Poços de Caldas: 1990, pp. 224-29.

GRAFF, G. *Professing literature. An institutional history*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

IZARRA, L. "Crossing the borders: the turning point in the teaching of English literatures to 'foreign' students today", *Anais do XXIX Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. ABRAPUI, Atibaia: 1997. p. 156-167.

JORDÃO, C. "A educação literária 'no lado dos Anjos'". Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

RISTOFF, D. "Educative rituals. The uneasiness of teaching American literature in Brazil". , pp.230-39. *Anais do XXII Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. ABRAPUI, Poços de Caldas: 1990

SOUZA, L.M.T.M. "O rato que ruge. O discurso crítico-literário pós-colônia como suplemento". *Anais do XXVI Seminário Nacional de Professores Universitários de Literaturas de Língua Inglesa*. ABRAPUI, Campinas:1994, pp.116-120.

VIEIRA, J.R. "A leitura de poesia e a discussão em grupo na sala de aula de inglês". Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, 1999.

WIELEWICKI, V.H.G. "Literatura e sala de aula: síncopes e contratempos. A agência discente e as literaturas de língua inglesa em cursos de

licenciatura em Letras". Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002

ZYNGIER, S. "Teaching Literature to Undergraduate EFL Students" in *English Teaching Forum*, v. 19, n. Jan., p. 33-34, 1981.

———. "Introducing literary awareness". *Language Awareness*, v. 3, n° 2, 1994. p. 95-108  
AUTOR: Cristina Maria Teixeira Stevens

Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
– Instituto de Letras, Universidade de Brasília  
ENDEREÇO: S.H.I.N. – QI 01 – conjunto 06 – casa  
10 / Lago Norte  
71.505.060 – BRASILIA/DF  
TELEFONE: 61 – 468 3649  
EMAIL: [cstevens@unb.br](mailto:cstevens@unb.br)

BIODATA:

Doutora em Literatura Inglesa - Universidade de São Paulo (1987); professora no curso de Letras e de Teoria e Crítica Feminista (Pós Graduação em Literaturas da Universidade de Brasília). Publicações na área de Gênero e Interculturalidade. Organizadora dos livros *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma visão transcultural do Brasil* (Editora Plano, Brasília, 2000), *Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa em inglês no Brasil* (EDUnB, Brasília, 2003). Tradução do romance da estadunidense Karen T. Yamashita: *Matacão: uma lenda tropical* (Editora Zipango, São Paulo, 2003). Coordenadora do grupo de pesquisa VOZES FEMININAS, incluído no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (<http://ler.literaturas.org>)